

## *Porque há esperança diante da farsa, do ódio e do medo*

*Because there is Hope in the Face of Farce,  
of Hate and Fear*

Se não estivéssemos em um contexto de tantas mazelas e sofrimentos decorrentes da pandemia, o momento seria de preparativos para a realização do nosso Simpósio Nacional de História, originalmente previsto para ser realizado na bela cidade de Fortaleza, no Ceará. Seria a edição comemorativa dos sessenta anos de fundação da Associação Nacional de História (Anpuh), congregando professores, pesquisadores e estudantes de diversas partes do país e do exterior – uma rede de conexões intelectuais e afetivas. 2021 deveria ser o ano de celebração da campanha vitoriosa de mobilização nacional, de longa data, pela regulamentação da profissão de historiador pelo Congresso Nacional. Uma vitória em dois tempos: a aprovação pelo Congresso e, posteriormente, a derrubada do veto do mandatário do poder executivo que tentou mais uma vez “amordaçar” a História.

Quis os ventos dos infortúnios que as expectativas e projetos pensados desde o encerramento do inesquecível evento em Recife, em 2019, fossem re-dimensionados para uma realidade de crises de saúde pública, moral, política e econômica.

A Covid-19, que nos assombra com a sua voracidade assustadora desde o início de 2020, trouxe-nos uma série de questionamentos, medos, perdas e inseguranças sobre a nossa condição humana. Infelizmente, a agressividade do vírus, as assimetrias socioeconômicas e a política de Estado de “deixar morrer” nos conduz para uma marca desoladora de mais de 500 mil vítimas fatais só no Brasil, sem considerar as subnotificações.

Diante desse cenário de tantas dificuldades, a entidade não deixou de cumprir sua missão de defesa das pautas da pesquisa e ensino da História no Brasil, de participação nos fóruns e eventos de discussão de políticas públicas,

posicionando-se de forma crítica contra os retrocessos na agenda da educação, da ciência e da cidadania. Por meio de mesas redondas, fóruns e debates presenciais e virtuais, de notas públicas e manifestos, da redação de pareceres e estudos sobre temas como patrimônio, meio ambiente, gênero, diversidade étnico-racial, entre outros, das suas revistas, concursos de teses e premiação, os projetos de professores da educação básica, dos encontros regionais, seminários dos GTs e da edição do nosso Simpósio Nacional realizados na modalidade virtual. O SNH, a ser realizado em julho, por conta da pandemia, será realizado via ambiente *online* e será organizado pela Anpuh Rio, com o apoio fundamental das instituições de ensino fluminenses. Só podemos agradecer a toda essa comunidade que abraçou o evento. Nesse sentido, há que se solidarizar com os parceiros da Anpuh Ceará e da Universidade do Estado do Ceará (Uece) que infelizmente tiveram um quadro de adversidades decorrentes da pandemia, impedindo a realização do nosso simpósio em Fortaleza. Temos certeza que, passada essa tormenta, nos reencontraremos em Fortaleza nas próximas edições do evento, presencialmente.

Conseguimos realizar também, nos meses de março e abril, as eleições para a nova gestão que assumirá a entidade a partir de julho. Foram dias de intenso e qualificado debate sobre propostas para a nossa entidade, apresentadas pelas duas chapas inscritas, representando a diversidade regional, a pluralidade de ideias e projetos e o compromisso com o nosso ofício. Foi extremamente empolgante observar a centralidade da agenda do ensino de História e da educação básica nas pautas das duas candidaturas: *Todas as vozes, todos os sotaques e Unidade na diversidade e na luta*. Acreditamos que esse processo democrático de análise e debate de pautas e demandas da nossa associação só fortaleceu os nossos vínculos e compromissos com a Anpuh. Aqui registramos nossos cumprimentos e votos de muitas conquistas e realizações para os colegas da chapa *Unidade na diversidade e na luta*, em nome do presidente Valdeir Lopes de Araujo, que irão assumir a condução de nossa entidade. E registramos nossas boas-vindas ao novo Conselho Editorial da *Revista História Hoje*, tendo nossa companheira professora Mônica Martins da Silva como editora.

A *Revista História Hoje* se renova com o espírito do diálogo, parceria e compromisso de seus editores, conselheiros e equipe técnica. Temos feito uma transição de gestão regada de muita solidariedade, transparência e expectativa de novos avanços na qualificação, indexação e visibilidade da nossa Revista.

Entregamos para a próxima editoria a Revista com todos os seus números em dia, banco de artigos já revisados por avaliadores ad hoc para as seções dos próximos números, a chamada de artigos para o dossiê da edição de 2022/1 com a temática *Ensino de História: tempos de crise, resistências e utopias* e, por fim, a prestação de contas e relatório de gestão para conhecimento de toda comunidade. Vale registrar que a proposta do dossiê da edição de 2022/1 já é uma das ações tomadas pela nova editoria com o nosso pleno apoio. A *Revista História Hoje* precisa seguir seu caminho e estamos muito felizes de fazer parte dessa jornada. Só podemos agradecer a todos/as que abraçaram a nossa Revista e apoiaram a nossa equipe nesses dois anos. Generosidade é a palavra que define esse tempo. De igual modo reconhecemos o trabalho e empenho de todos/as os/as editores/as e conselheiros/as que têm assumido essa honrosa missão de conduzir a Revista História Hoje, desde sua criação. Somos gratos à atual Diretoria da Anpuh Brasil, no nome de nossa presidenta Márcia Mendes Motta, por acolher as nossas demandas e projetos e manter o suporte financeiro, técnico e humano para que pudéssemos continuar nosso trabalho. E não poderíamos deixar de anotar nessas páginas nosso sentimento de gratidão aos secretários Pablo Serrano e Marcus Vinicius Correia Biagi.

Esse número da *Revista História Hoje* apresenta oito Artigos Livres versando sobre temáticas como as representações do Egito Antigo nos livros didáticos; a abordagem da história das doenças na sala de aula em contexto de pandemia; a aprendizagem histórica em museus de Campo Grande/MS; os entrelaçamentos escola, universidade, cursos de História e públicos a partir do caso da Universidade Federal do Paraná; a história pública e o ensino de história da ditadura civil-militar por meio da prosa; o compromisso do ensino de História com a educação antirracista no Brasil contemporâneo; a resistência no cinema de Isael Maxacali a partir da escola-floresta; e, por fim, as aulas de história em uma escola na favela e os estudantes evangélicos. Além disso, há a tradução do artigo sobre a consciência histórica e a didática da história no Canadá, de autoria de Natalie Popa.

Na seção Entrevista, temos uma conversa, regada de sensibilidade, compromisso e amor ao ensino de História, com a Flávia Eloisa Caimi, professora titular da Universidade de Passo Fundo/RS, atuando na área de Metodologia, Prática de Ensino e Estágios no Curso de História.

A Falando História Hoje apresenta o texto intitulado *Um território de*

*memórias negras: conexões possíveis e histórias viáveis*, de Merylin Ricieli dos Santos. E, fechando o número, temos três ensaios que compõem a seção História Hoje em Sala de Aula: “*Muito mais que um jogo*”: *a diversidade cultural nas práticas esportivas dos povos indígenas como temática para o ensino de História*, de Vinícius Silveira Luz; *História Temática no Ensino Médio: análise das práticas educativas sobre Segunda Guerra Mundial e Holocausto no Estágio Supervisionado*, de Eduardo Cristiano Hass da Silva; e *História local: reflexões sobre o ensino e a pesquisa das histórias indígena e afro-brasileira*, de Lorena Oliveira Vieira e Tailane de Oliveira Dias.

Embora a abertura desse editorial tenha a marca das dores e perdas dos tempos atuais, encerramos aqui com o sentimento de esperança e de cura. Haveremos de vencer as mazelas da Covid-19, o negacionismo irresponsável que mina a ciência e as violências praticadas contra o Estado democrático de direito. Teremos tempos de restauração e de justiça. E não podemos nos permitir a condescendência, para não dizer cumplicidade, da anistia purificadora de biografias criminosas, do silêncio das feridas e perdas irreparáveis e do acordo sem reparação e pedido de perdão.

Nas palavras de Edward Said (1998, p. 250), a tarefa essencial dos/as intelectuais de nosso tempo é “aliviar de alguma forma o sofrimento humano e não celebrar o que, na verdade, não precisa de comemoração, seja o Estado, a pátria ou qualquer desses agentes triunfalistas de nossa sociedade.”

Cuiabá/MT, junho de 2021.

Renilson Rosa Ribeiro  
Editor